

AS AÇÕES DE RODRIGO S.M. E SEU PODER DE ARQUITETAR MACABEA EM “A HORA DA ESTRELA”

Islame Felipe da Costa FERNANDES (1); Marcel Lúcio Matias RIBEIRO (2)

(1) Estudante do 3º ano de Informática do IFRN – Campus Ipanguaçu/RN. E-mail: islamifelipe@hotmail.com

(2) Professor de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. E-mail: marcel.matias@ifrn.edu.br

RESUMO

O presente trabalho é um estudo acerca da obra “A Hora da Estrela” de Clarice Lispector. Leva em consideração as marcas do narrador e a estruturação da narrativa, relacionando-os com o destino e as ações da personagem principal, Macabea. A personagem, que mora no Rio de Janeiro, segue com sua “vida rala” e sem ter consciência de que existia. Dessa forma, o presente artigo objetiva avaliar a intervenção do narrador fictício, Rodrigo S.M., na vida dessa personagem. Será demonstrado que a existência e o destino de Macabea dependem, direta ou indiretamente, das ações, dos desejos e do estado de espírito do narrador. Serão destacados o seu fluxo de consciência, a sua linguagem poética, as epifanias entre os diversos personagens, as metáforas envolvendo o surgimento da vida de Macabea, e o dialogismo com diversos aspectos míticos, religiosos e filosóficos, sempre os relacionando com o título do livro e com o desfecho final da narrativa (a suposta morte da personagem).

Palavras-chave: consciência, existência, narrador, Macabea, morte.

1. INTRODUÇÃO

Portador de importantes inovações na literatura e de características marcantes da escritora Clarice Lispector, o romance “A hora da estrela” é referência do período modernista brasileiro. É também mencionado por ser o último romance que a escritora publicou em vida e por conter elementos irônicos, poéticos, metafóricos, dialógicos, além conter um singular foco narrativo.

A personagem principal é Macabéa, uma nordestina que, após a morte de sua tia, foi morar no Rio de Janeiro, ganhando a vida como datilógrafa. Instalou-se num quarto e o compartilhou com quatro colegas, as quais todas atendiam pelo nome de Maria. Mal tinha consciência de sua existência e, aos olhos da cidade, ela era feia e insignificante. Era virgem e nunca teve um namorado, até apaixonar-se pelo metalúrgico nordestino Olímpico de Jesus, que tinha ambições distintas em relação às suas. Ele, por sua vez, a traiu com Glória, única amiga de Macabea. A busca inconsciente da personagem principal por sua valorização através do encontro com sua existência é comunicada por meio das diversas epifanias. Tais sensações ocorrem não somente com a datilógrafa, mas também com o narrador (e escritor fictício) Rodrigo S.M. Este se consubstancia como símbolo da própria Clarice Lispector em seu livro, através do qual ela escreve e dá vida a seus personagens. Com suas próprias características, sensações e opiniões, o autor polêmico reinará em toda a história.

Nascida na Ucrânia na segunda década do século XX e de origem judaica, Clarice Lispector veio morar no Brasil ainda muito criança. Despertou na literatura ao fim do regime ditatorial do Presidente Getúlio Vargas (Estado Novo), juntamente com grandes nomes do modernismo brasileiro, como Guimarães Rosa, Dalton Trevisan e Rubem Fonseca. Mesmo após sua morte, o estilo de Clarice é reconhecido em todo o mundo por suas inovações, como o chamado fluxo de consciência, inovações do foco narrativo, e a personificação de um narrador interventor. Assim, o presente trabalho não somente analisará o romance “A hora da estrela” de maneira isolada, mas também o contexto do universo criativo da autora legítima, bem como o estado de espírito do autor fictício, Rodrigo S.M.

2. A IDEALIZAÇÃO DO NARRADOR E SEUS ASPECTOS FUNDAMENTAIS

Reconhece-se o narrador criado por Clarice como um dos aspectos mais intrigantes da obra. A autora cria uma personagem a quem atribui a autoria da obra. Este escritor fictício, chamado Rodrigo S.M, impera por toda a narrativa, sempre interrompendo os fatos com suas alucinações, desejos ou sofrimentos. Ele manifesta seu estado de espírito bastante peculiar e conturbado, e escreve a história de Macabea como se fossem fatos e ideias (ou até mesmo imagens) que lhe surgissem desordenadamente no campo do pensamento. Dessa forma, o escritor muitas vezes se contradiz na construção dos fatos narrativos, fazendo refletir o aspecto de seu fluxo de consciência, que muito caracteriza as obras de Clarice Lispector.

Porém, Rodrigo ousa tentar adiar a história da personagem nordestina, que segundo ele, muito lhe incomodava. Segue escrevendo uma espécie de monólogo de seus desejos, características que lhe cercam ao escrever sobre Macabea. “Meu coração se esvaziou de todo desejo e reduz-se ao próprio último ou primeiro pulsar” (Idem, p. 11). Neste trecho, nota-se que Rodrigo perde pouco a pouco sua noção de anterioridade ou posterioridade, bem como a noção de início, meio e fim, com de fato ocorre no fluxo de seu pensamento. “É assim que experimentarei contra os meus hábitos uma história com começo, meio e ‘gran finale’ seguido de silêncio e de chuva caindo” (Idem, p. 13). Por ser contra seus hábitos, isto é, alheio à suas práticas cotidianas, pressupõe-se que Rodrigo, em momentos passados, escrevia sem demarcar de forma evidente os tempos da narrativa. Porém, ele não consegue romper com suas tradições e continua, na história em questão, escrevendo sem seguir uma cronologia bem delineada. Ele chega até mesmo a dialogar de uma forma imperativa com o leitor.

Se em vez de ponto fosse seguido por reticências o título ficaria aberto a possíveis imaginações vossas, porventura até malsãs e sem piedade. Bem, é verdade que também eu não tenho piedade do meu personagem principal, a nordestina: é um relato que desejo frio. Mas tenho o direito de ser dolorosamente frio, e não vós. Por tudo isso é que não vos dou a vez. (LISPECTOR, Clarice, p. 13).

Rodrigo parece ficar de frente com o leitor e importuná-lo com sua insensatez. O diálogo se concretiza quando é empregado o pronome na segunda pessoa do plural, indicando que o narrador se dirige a mais de uma pessoa. Há uma larga evidência de tal sensação na obra. A justificativa para tal fato é que o escritor fictício parece querer seguir sozinho no processo de arquitetar Macabea. Ele não permite que ninguém sugira opiniões ou imaginações sobre a vida da nordestina, limitando à sua vontade o desenrolar da narrativa. Também manifesta seu lado impiedoso, quando afirma que o seu romance será “dolorosamente frio”, ou seja, de maneira que não seja imbuída de felicidade e de prazeres, mas de uma “terrível dor de dentes” (Idem, p. 11).

Por outro lado, com sua constante reflexão acerca de suas condições de “escritor social”, das características da personagem principal e da própria história, o narrador-escritor consegue o efeito da metalinguagem. Nesse termo, que significa a linguagem se voltando para ela mesma, o leitor se depara com um processo de projeção do alicerce da obra. O escritor consegue fazer com que a história se auto-interprete, fazendo ele próprio desabafar e conversar consigo mesmo, através de seu encontro com as respostas do mundo, caracterizando uma das várias epifanias da obra (que serão analisados posteriormente). “Não se trata apenas de narrativa, é antes de tudo vida primária que respira, respira, respira” (Idem, p. 13). A prosopopéia se manifesta quando o escritor dá vida e ação de “respirar” à sua própria escritura. Contudo, numa análise minuciosa, percebe-se que Rodrigo se

refere à vida da sua personagem, que ele mesmo deveria “derramar” sobre o papel. É nesse momento que ele faz a história refletir sobre a história¹.

Tudo isso, sim, a história é história. Mas sabendo antes para nunca esquecer que a palavra é fruto da palavra. A palavra tem que se parecer com a palavra. Atingi-la é meu primeiro dever para comigo. (LISPECTOR, Clarice, p. 20)

Ao atingir a palavra, Rodrigo conseguiria erguer sua vida e a de Macabea. Seu encontro consigo dar-se-á como consequência do encontro de Macabea com sua própria existência. Isso o faz estar muito próximo da nordestina, que intervém até mesmo nos seus aspectos. “[...] terei que me escrever todo através dela por entre espantos meus” (Idem, p. 24). Ou seja, ao dá vida à personagem, Rodrigo também si dá a vida. Por isso, para “escapar do acaso” (Idem, p. 36) e dar vida à sua personagem, ele se inebria de uma intensa solidão e de um conjunto de situações sufocantes e repulsivas. Essa é sua função: dar vida a uma moça que ainda não a tem. “É meu dever, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida” (Idem, p. 13). Com essa missão, o escritor fica entre o seu imaginário e a realidade fatal. Num momento Rodrigo afirma inventar a história, o que deveras viria a ser verdade, uma vez considerando toda a subjetividade e parcialidade (fruto de seu estado de espírito e do fluxo de consciência) que envolve a história. “É claro que a história é verdadeira embora inventada” (Idem, p. 12). Depois, contrapondo-se de modo inconsciente, o escritor afirma que toda a busca pelo significado da vida de Macabea se daria numa linha de fatos: “O fato é que tenho nas minhas mãos um destino e no entanto não me sinto com o poder de livremente inventar: sigo uma oculta linha fatal” (Idem, p. 21). Agora não mais podia inventar a história. Mas sua missão permanece intacta. Até o término da obra, Rodrigo busca veementemente escrever esse destino que lhe foi confiado, sempre revelando indícios de fatos e verdades, que, embora fictícios (para fins lógicos), tornam-se reais quando se observa pela dimensão semelhante a vida de qualquer indivíduo da sociedade.

Ao mesmo tempo em que o leitor percebe a função (e/ou o objetivo) do Rodrigo, observa também os fatores que condicionam seu ato de escrever. “Vejo que tentei dar a Maca uma situação minha: eu preciso de algumas horas de solidão por dia senão ‘me muero’” (Idem, p. 69). A situação que o escritor fictício daria a Macabea seria a sua vontade incessante de existir (novamente ele salienta sua missão). Contudo, a solidão se caracteriza como fator importante para fazer fluir devidamente a sua literatura. Seria uma espécie de condição pré-estabelecida e que, juntamente com demais condições, o escritor segue exercendo sua função. Aliás, a solidão é um aspecto bastante determinante na obra, pois geraria o silêncio, e este, por sua vez, faria com que os personagens, como Macabea e Rodrigo, encontrassem cada um sua legítima existência. Essa solidão que tanto paira sobre a obra faz acontecer algumas epifanias que serão analisadas posteriormente. Daí vem o título do presente artigo, “no silêncio de ‘A Hora da Estrela’”, pois se admite que, por ser oriundo da solidão, o silêncio determinaria o encontro de cada personagem com si mesma. Esse aspecto seria a explicação para o seguinte fragmento do livro: “Por que escrevo? [...] Escrevo portanto não por causa da nordestina mas por motivos grandes de ‘força maior’ [...]” (Idem, p. 18). A força mencionada seria justamente a solidão. Há, decerto, uma contradição no fragmento, quando o escritor diz não escrever por causa da nordestina, logo se sabe que ele sofre por sua causa e tem a missão de arquiteta-la.

Agora não é confortável: para falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir

¹ Adota-se nesse artigo que a obra “A Hora da Estrala” em sua totalidade compõe a história da personagem Macabea e do próprio narrador. Por isso, embora o narrador esteja a refletir sobre si e sobre sua escritura, ele disponibiliza indícios descritivos de seus personagens. Há, então, uma história que se volta para si mesma.

pouco, só cochilar de pura exaustão, sou um trabalhador manual. (LISPECTOR, Clarice, p. 19)

Na citação acima, Rodrigo afirma precisar sofrer um pouco para desenrolar a escrita sobre a nordestina. Ficar com sono, comer pouco e deixar a barba crescer são alguns exemplo. Evidencia-se todo o peso que a vida de Macabea tem sobre seu autor. “Também tive que me abster de sexo e de futebol. Sem falar que não entro em contato com ninguém” (Idem, p. 22-23).

Porém este permanece firme até o final de sua missão, e não ousa lagrimejar, tampouco desistir. Pode estar aí o motivo pelo qual Clarice Lispector cria um escritor fictício para sua obra. Seria como se ela tivesse medo de sofrer todas essas dificuldades e, assim, transferisse-as para o Rodrigo. “Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas” (Idem, p. 14). Segundo o escritor, a mulher seria muito sensível e deveras não suportaria todo o sofrimento condicionado pelo destrinchar a estória. Clarice, então, não duvida e confia essa missão ao seu personagem.

3. A LINGUAGEM E AS CONSTRUÇÕES DA NARRATIVA

Na literatura, há inúmeras discordâncias acerca do foco narrativo da obra, devido o fato de Rodrigo usar tanto a primeira quanto a terceira pessoa do singular. Na primeira, o escritor fala sobre si e sobre a história, sempre interrompendo e adiando a narrativa, como se tivesse medo de que esta se concretizasse. Na terceira, enfim, ele narra a vida de Macabea, suas relações com o seu namorado e com sua amiga de trabalho. É importante dizer, contudo, que, independente da vontade do narrador fictício, acredita-se que o objetivo de Clarice Lispector era contar a estória de sua personagem nordestina. Para tanto, seria indispensável o uso do foco narrativo em terceira pessoa. O presente artigo é, então, levado a aceitar na hipótese de uma terceira pessoa na obra, pois o uso da primeira pessoa seria fruto do fluxo de consciência do Rodrigo, bem como de seu estado de espírito que o desviava constantemente e inconscientemente do foco narrativo em terceira pessoa.

A linguagem do livro é simples, logo não possui construções sintáticas exageradamente complexas. “Pretendo, como já insinuei, escrever de modo cada vez mais simples” (Idem, p. 14). Rodrigo deixa bem claro que não usará construções esdrúxulas, pois deve “escrever nu”, para muito aproximar sua escritura da aparência simplória de Macabea. E ao recusar qualquer requinte na sua literatura, o escritor recria uma personagem cada vez mais humilde e repudiada por todos, devido sua aparência miserável. “Mas não vou enfeitar a palavra pois se eu tocar no pão da moça esse pão se tornará em ouro” (Idem, p. 15). Entretanto, devido o fluxo e a forma como é escrita, deixando transparecer muitas contradições, ou até mesmo revelando *elementos* um tanto desimportantes, a intenção comunicativa se torna um pouco difícil de ser compreendida. Com relação aos *elementos* anteriormente mencionados, o leitor os encontra em abundância quando o escritor permanece adiando a história, principalmente no início o livro. “Tudo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e o sim” (Idem, p. 11). Devido esse trecho, por exemplo, caso o leitor não seja dotado de uma grande inspiração para compreender, talvez repudie o livro por sua narrativa inconstante. Contudo, o trecho destacado reflete uma característica da obra: os dialogismos, ou seja, os diversos diálogos travados com elementos míticos, filosóficos, religiosos, e diálogos com o próprio leitor. Neste caso, um exemplo é o diálogo mítico, como uma alusão ao surgimento da vida. Diversos povos (indígenas, cristãos, gregos, egípcios e etc.) têm sua concepção acerca de como surgiu a vida na terra. Tal realidade dá ao trecho não somente um caráter mítico, mas também um aspecto religioso.

Este aspecto religioso também é encontrado nos nomes das personagens. O nome Macabea, por exemplo, pode ser entendido como uma alusão irônica ao livro bíblico dos Macabeus², onde é narrada a luta dessa família judaica para impedir o domínio grego em Jerusalém. O nome do personagem Olímpico de Jesus trás uma combinação de referências gregas e cristãs. As primeiras se referem ao nome da morada dos deuses gregos, que seria possivelmente uma mansão de vidrais na mais alta montanha da Grécia (o Monte Olimpio). A segunda é evidente com o nome do personagem que também é venerado pelos cristãos, Jesus, como o filho de Deus que veio a terra para salvar a humanidade. O nome da personagem Glória também admite diálogos religiosos, no sentido de Hosana³ ou exaltação a um Deus. Todos esses aspectos vêm provar que durante toda sua vida, Clarice Lispector não conseguiu perder suas raízes judaicas, vindas do berço até o seu último romance.

Olhou-se maquinalmente ao espelho que encimava a pia imunda e rachada, cheia de cabelos, o que tanto combinava com sua vida. Pareceu-lhe que o espelho baço e escurecido não refletia imagem alguma. Sumira por acaso a sua existência física? Logo depois passou a ilusão e enxergou a cara toda deformada pelo espelho ordinário, o nariz tornado enorme como o de um palhaço de nariz de papelão. Olhou-se e levemente pensou: tão jovem e já com ferrugem. (LISPECTOR, Clarice, p. 25)

Como uma marcante característica de Clarice Lispector, o caráter epifânico também age entre os personagens da narrativa. O termo epifania tem significado religioso e remete a uma “revelação” (por exemplo, a revelação de Jesus Cristo aos Reis Magos que o vieram adorar). Também com um sentido de “encontro”, esses momentos epifânicos dão aos personagens uma nova visão de algo ou de si mesma, como se tivessem tido uma revelação dos fatos. Para demonstrar, o trecho acima remete o leitor aos instantes posteriores ao momento em que o patrão pensa em demitir Macabea. Ela vai ao espelho, e por alguns minutos não vê sua imagem sendo refletida. De repente, como numa revelação, ela consegue pela primeira vez observar seu rosto “enferrujado”. Seria o seu encontro com ela mesma, num ambiente bem característico seu: um banheiro e uma pia suja. A partir daí, diversos acontecimentos se desenrolam na narrativa e na cabeça da personagem. Outro exemplo das epifanias de Macabea vem a seguir: “Hoje, pensou ela, é o primeiro dia da minha vida: nasci” (Idem, p. 80). Ironicamente, a vida lhe é atribuída na hora de sua morte. Após ser atropelada, Macabea cai e a medida que a morte suje, aparece também o significado do seu nascimento, como a ocasião em que ela se encontra consigo mesma, através da morte. Esse é o sentido do título da obra. “Pois na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema, é o instante de glória de cada um e é quando como no canto coral se ouvem agudos sibilantes” (Idem, p. 29). A expectativa para este momento durou por toda a obra. Quando Macabea morre, seria como se lhe fosse dada tanta glória que a personagem chegasse a existir. Esse é o seu encontro (epifania) com o significado de sua existência (com ela própria). “A morte é um encontro consigo” (Idem, p. 86). É importante dizer que Macabea, segundo o escritor fictício, sempre quis ser estrela de cinema. De fato, a metáfora envolvida deixa transparecer o real significado do sonho da personagem, como se ela passasse a vida inteira sonhando em ser estrela de cinema. Mas esta expressão “estrela de cinema” constituiria a metáfora que revela o real desejo de existir (por vezes até embutido) da personagem. Tornou-se uma estrela na hora da morte. Porém, antes de lhe acontecer tal fato, Macabea ousa passar um dia em casa após mentir para seu patrão. Neste dia, ela consegue um efeito raríssimo: a

² No presente artigo não será analisada minuciosamente as características desse povo judeu, tampouco suas relações diretas com a narrativa de Clarice Lispector. Apenas é feita menção com o objetivo de exemplificar o dialogismo presente nesta obra.

³ Este era o hino que os Judeus entoavam no quarto dia da Festa dos Tabernáculos.

solidão. Da mesma forma que Rodrigo precisa desse fator para fazer fluir sua história, a nordestina também precisou para encontrar-se consigo. “Encontrar-se consigo própria era um bem que ela até então não conhecia” (Idem, p. 42). Veja que sutilmente Clarice intercala e dissolve esses momentos epifânicos, não deixando que a revelação se desse num único momento

Para realizar essas construções marcantes, foi necessário usar, também, uma linguagem poética. “[...] é que a vida brotava no chão, alegre por entre pedras” (Idem, p. 31). Nota-se a personificação da vida, como “ser” capaz de surgir num ambiente deveras hostil, representado pela figura das pedras. Muito se aproxima com a imaginação da cena de Macabea caída no chão e sua vida surgindo, metaforicamente. Num momento em que ninguém imaginava brotar existência, eis que ela surge para surpreender o leitor. Notoriamente, além do imaginário criado, há, do mesmo modo e intensidade, o envolvimento metafórico, como figura largamente utilizada por toda a narrativa. Por vezes, porém, além da metáfora, Clarice Lispector usa diversas comparações da sua personagem com aspectos da vida cotidiana. “Tudo de repente era muito e muito e tão amplo que ela sentiu vontade de chorar. Mas não chorou: seus olhos faiscavam como o sol que morria” (Idem p. 79). Após Macabea sair da casa da cartomante, uma amplitude vem à mente da nordestina, como se a conversa com aquela mulher tivesse-lhe rendido uma esperança maior de vida. Sua emoção a quis fazer chorar, mas a sua vida terminou antes que lágrimas brotassem dos seus olhos. Percebe-se que o tom de morte permeia as passagens poéticas, como num sentido de lirismo e brilho de estrela no exato momento de morrer. Portanto, a morte não é vista pelo escritor fictício (tampouco pela escritora legítima) como um fator tenebroso ou maligno, como se representasse o fim de suas existências. Esse fenômeno é entendido como antessala da ressurreição. Novamente num diálogo religioso, a obra transmite a ideia que o homem apenas pode ressurgir, ou seja, reinventa-se a cada instante, se passar por um momento de falecimento. “Eu, que simbolicamente morro várias vezes só para experimentar a ressurreição” (Idem, p. 83).

4 . O FLUXO DE CONSCIÊNCIA

Não somente na obra “A Hora da Estrela”, mas em diversos outros romances de Clarice Lispector, o fluxo de consciência se consubstancia como um artifício marcante na literatura, desde as manifestações surrealistas na Europa na primeira metade do século XX. Este aspecto muito se assemelha com a introspecção psicológica que era usada desde o Realismo. Porém, o fluxo de consciência quebra com as delimitações temporais e com os limites de espaços em que a história se passa. Por isso, entende-se que este seja o fluxo com que Rodrigo escreveria a obra, não se limitando à razão ou à lógica de certo ou errado, nunca revisando o texto, e escrevendo sempre impulsivamente as ideias que lhe vem à mente. Por isso, como se escrevesse automaticamente, o escritor não associa plenamente as ideias, fazendo com que, por vezes, intervenha na narrativa, escrevendo seus desejos e característica, e até mesmo fazendo manifestar contradições. E ao interromper o fluxo da narrativa, Rodrigo se vale do uso dos parênteses, não poupando os espaços das páginas com suas opiniões e desejos.

Como primeira demonstração, tem-se o tempo cronológico em que acontece a narrativa. “Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer?” (Idem, p. 12). Logo no início do livro, Rodrigo se indaga acerca de como iniciar a história que deve escrever. Para ele, não seria conveniente começar pelo início, tampouco pelo fim. “Só não inicio pelo fim que justificaria o começo [...] porque preciso registrar os fatos antecedentes” (Idem, p. 13). Essas previsões ou intenções do escritor decerto se concretizam, uma vez que o leitor facilmente percebe que não há um tempo delimitado para a narrativa. Há até a ideia que a história finaliza com seu início, como se a morte de Macabea desse estímulo para o desencadeamento de sua história. Isso se explica pelo fato de a última palavra do livro ser “Sim” (Idem, p. 87), constituindo um só parágrafo e uma única frase. Por outro lado, nas primeiras páginas da obra, como já foi pronunciado anteriormente, o narrador diz “tudo começou com um sim” (Idem, p. 11). Essa associação não é feita por acaso, mas para transmitir a sensação de tempo não linear e assim a impressão que a morte da personagem faz iniciar sua vida realmente.

Rodrigo também deixa escapar algumas alusões que contradizem as ideias centrais do livro ou as ideias que ele transmitiu ao leitor. Um exemplo disso é o que acontecia com Macabea quando ela via sangue. “Não gosto de ver sangue no cinema” (Idem, p. 54). Essa é a declaração em discurso direto da personagem sobre seu gosto no cinema. Porém depois o escritor diz: “Tinha predileção por mulher enforcada ou que levava um tiro no coração” (Idem, p. 58). Observa-se que a descrição de Rodrigo não corresponde ao real gosto de Macabea. Como seria possível ela não gostar de sangue, mas preferir filmes de tiro e terror? Depois ele afirma “não ter nada a ver com a moça” (Idem, p. 24). Porém, bem se sabe que a missão do escritor fictício era arquitetar sua personagem, dar-lhe vida e existência. Para isso, ele necessita de conhecer sua história de vida, o que o faz aproximar-se de ela. Assim, ele tem muito a ver com a moça, também porque ele se escreve através dela. Quando isso ocorre, isto é, quando o autor não é conivente com os fatos a serem narrados, evidenciam-se suas contradições inconscientes, fruto de seu fluxo de pensamento.

5. OS “FATOS” E AS “EXPLOSÕES”

O leitor, após umas quantas páginas da obra, naturalmente teria a certeza de que a história contada seria puramente fictícia. Todavia, devido tanta implicância e persistência convicta do escritor fictício, a obra ganha um toque de “história baseados e fatos”. Aliás, a palavra “fato” muito é usada, e remete o presente artigo à hipótese de que Rodrigo seria impulsionado a escrever sobre Macabea, como se os fatos os obrigasse a escrever. “Também esqueci de dizer que o registro em breve vai ter que começar – pois já não aguento a pressão dos fatos [...]” (Idem, p. 23). Esse é mais um motivo para se acreditar que o ato de escrever maltrataria o escritor, uma vez que uma força externa a ele o obrigaria a isso. Mas o que seriam os tais fatos? “Aproximei-me subitamente de fatos sem literatura – fatos são pedras duras e agir está me interessando mais do que pensar, de fatos não há como fugir” (Idem, p. 16). Nota-se que a metáfora novamente volta a imperar na obra. O termo “pedra” se traduziria como algo de difícil relacionamento, ou portador de incomum inflexibilidade. Pela sua solidez, essas pedras maltratariam o narrador, pois seriam mais poderosas que ele. “E foi quando pensei em escrever sobre a realidade, já que essa me ultrapassa” (Idem, p. 17). Então, os fatos existem, pois, como já se sabe, as condições de vida e pensamento do narrador não são tão agradáveis (tampouco é evidenciado semente nesta página). Uma vez passando a existir, vem a mente do leitor que o romance não seguiria nenhuma relação fantasiosa, pois seria “sem literatura”. Porém, também se sabe que o Rodrigo está verdadeiramente passivo às suas alucinações e pensamentos, chegando a escrever mediante o fluxo de sua mente. Eis, então, mais uma contradição que escapa do escritor fictício. Se de um lado ele escreveria uma história baseada em fatos, de outro ele escreveria consoante os caprichos de seu pensamento. “Estarei lidando com fatos como se fossem as irremediáveis pedras de que falei. Embora queira que para me animar sinos badalem enquanto adivinho a realidade” (Idem, p. 17). Agora, o escritor não mais quer fugir da realidade, mas tentar desvendá-la, como se oscilasse entre o campo literário e o não-literário.

Essa característica fica tão marcante em todo o texto, que o leitor consegue até mesmo visualizá-la. Isso porque o termo “explosão” é suado corriqueiramente para aludir ao que é fato. “Vai ser difícil escrever esta história. [...]. Os fatos são sonoros mas entre os fatos há um sussurro. É o sussurro que me impressiona” (Idem, p. 24). A partir desse período mencionado, surge diversas vezes o termo “explosão” dentro de parênteses, dissolvido no texto. “[...] o Destino (explosão) sussurrou veloz e guloso: é agora, é já, chegou a minha vez!” (Idem, p. 79). Mas por que isso não ocorreu desde o início do livro? O porquê para essa pergunta está justamente na hipótese de que, antes do encontro de Macabea consigo mesma diante do espelho baço, o livro era constituído de pensamentos desconexos do escritor. Ou seja, a narrativa propriamente dita, começaria a ser realmente edificada a partir desse fato. Porém, admite-se no presente artigo que a obra, em sua totalidade, é feita para contar a história de Macabea, mesmo nas páginas que o escritor parece refletir sobre si. Nessas páginas, embora isso ocorra, ele disponibiliza algumas características da sua personagem, como se a história desse seus primeiros passos. Os fatos realmente começam a iniciar

seu império neste trecho, em detrimento das alucinações do escritor. No entanto, mesmo desse momento em diante, Rodrigo abre parênteses e escreve sobre seus pensamentos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agindo de forma quase impiedosa e desgovernada, Rodrigo consegue criar um efeito bastante particular na obra. Ele realmente arquiteta a personagem Macabea, seguindo sempre as ideias que agitam sua mente e sua vida. Pode-se até dizer que, por estar tão debilitado, ele cria uma personagem de caráter peculiar à vista da sociedade, bem como sua própria narrativa. “A classe alta me tem como um monstro esquisito, a média com desconfiança de que eu possa desequilibrá-la, a classe baixa nunca vem a mim” (Idem, p. 19). Diante disso, o presente artigo sugere a hipótese de que Rodrigo muito tenta se aproximar de sua personagem, pois, além de sofrer passivamente as condições severas ao elaborar a história e “não ter tanto sucesso na sua literatura”, ele tenta aproximar seu modo de escrever e a sua personagem. Por isso, o livro é escrito “de forma nua”, como diz o próprio escritor, numa tentativa de recriar a fotografia de sua personagem, pois o livro é “uma fotografia muda” (Idem, p. 19).

Também se pode concluir que o fato de Rodrigo tentar se encontrar consigo, através de uma epifania, atinge seriamente a personagem Macabea. Ela também sofreu esse encontro em várias situações. O escritor, portanto, não buscava somente a construção da nordestina, mas a realização dele próprio enquanto pessoa. Surge inevitavelmente mais uma forma que o autor encontrou de demonstrar sua realidade, relacionando, de maneira indireta, sua vida com a de Macabea, pois todos teriam tido algum fracasso fulminante na suas vidas.

Acredita-se que o fluxo de consciência, as epifanias, as intervenções do escritor e sua relação com a figura de Macabea, consubstanciem como inovações na literatura brasileira. Clarice atribui plenos poderes a seu escritor para que ele, mesmo depois de iniciar definitivamente o relato dos fatos, interrompa-os e deseje ali todas as suas opiniões, sensações e alucinações. Ela constrói uma obra singular, que inovou e deu vida à personagens marcantes e que, durante muitos anos, estarão refletindo sua imagem na sociedade brasileira.

7. REFERÊNCIAS

- LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**; Rio de Janeiro: Rocco, 1998, 1ª edição;
- DUTRA, Homero Bergamaschi. **O Direito ao grito: A metáfora em A hora da Estrela, de Clarice Lispector**; Caxias do Sul, Agosto 2007;
- TEIXEIRA, César Mota. **Narração, dialogismo e carnavalização: Uma leitura de A hora da estrela, de Clarice Lispector**; USP: São Paulo, 2006;
- SCHEIFER, Paola. **Rodrigo S.M.: Dos bastidores da escrita à revelação de um Sujeito-Escritor**. Colégio Estadual Padre Carlos Zelesny: Ponta Grossa – PR.
- ROCHA, Fátima Cristina Dias. **A hora do impossível: uma leitura de A Hora da Estrela**. UFRJ: Rio de Janeiro, 1990;
- PIRES, Miriam da Silva. **Clarice Lispector: A descoberta do óbvio**. UFRJ: Rio de Janeiro, 1990;
- TV Cultura. Disponível em:
<<http://www.tvcultura.com.br/aloescola/literatura/claricelispector/index.htm>>. Acesso em: 19/06/2010;
- Recanto das letras. Disponível em: <<http://recantodasletras.uol.com.br/cronicas/1238543>>. Acesso em 19/06/2010;